

Para formar leitor pensante é preciso fugir da obviedade

MOACIR AMÂNCIO

O aprendizado da leitura se traduz na conquista do direito à inteligência e ao bom gosto. O prazer proporcionado pelo texto é, portanto, algo que só se obtém com trabalho. Há pouco, numa sala universitária, certo professor, como desafio, propôs aos alunos que lessem *Os Sertões*. A reação foi a esperada. A suposta dificuldade do vocabulário, as queixas acrescentavam à frieza do estilo. Esse professor procurou então mostrar: *Os Sertões* poderia ser lido e percebido como belíssimo poema em prosa. Concordemos que a obra de Euclides da Cunha não seja tão simples assim. Mas então coloca-se a pergunta: seria função da escola pregar a idiotas que jamais passaram da parvoíce? O objetivo é o óbvio ou o complexo da própria vida? Como resposta ao mercado da modéstia intelectual, as editoras desenvolveram a literatura chamada juvenil. Temos na área alguns autores respeitáveis, mas quando apertam no juvenil, produzem livros que fogem à classificação e viram de gente grande, como *A Árvore que Dava Dinheiro*, de Domingos Pellegrini. Outro ponto positivo que deve ser lembrado é que temos aí um excelente treino para escritores. Agora, pode-se perguntar o que significa a palavra juventude. Uma invenção do

mercado? Vale colocar a questão da seguinte forma: nos tempos da Aids alguém ousaria afirmar que filmes pornográficos contribuem para a educação sexual de rapazes e garotas com 15 anos de idade? E por que uma pessoa aos 14 anos não poderia ler *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, em vez de se asestar com opúsculos lavrados em linguagem rala, pois que se supõe ralo o cérebro da vítima? Formam-se leitores pensantes com livros fantasiosamente juvenis?

A professora Suzana Vargas, em *Leitura: Uma Aprendizagem de Prazer* (José Olympio Editora), explica com clareza: "Para ler o texto literário há necessidade de fazer desaparecer as barreiras entre a realidade, o imaginário e

a linguagem." Ou seja, levar à maioria, em que o indivíduo sabe-se agente e objeto do processo cultural.

A leitura do livro de Vargas pode ser acompanhada da leitura de *Do Mundo da Leitura para a Leitura do*

Mundo, de Marisa Lajolo (Editora Ática). Enquanto Vargas depõe sobre a prática na sala de aula, Lajolo apresenta a questão do aprendizado da leitura nos capítulos da história do País, discute a propósito a virtualidade da literatura juvenil etc. com lucidez e até pragmatismo, sem deixar de lado, no reflexo necessário, o sonho do leitor ou do cidadão pleno.

LINGUAGEM
RALA PRESSUPÔE
CÉREBROS
RALOS